



O Messianismo Bíblico

- Que Esperança?

Conferência

João Lourenço

Caderno 35

Lisboa

07 de Dezembro de 2019

João Lourenço

– Professor jubilado da Faculdade de Teologia
Universidade Católica Portuguesa

O tempo do Advento, que nos ajuda a preparar o Natal, constitui uma quadra do ano que carrega em si uma riqueza ímpar. Esta dimensão única repercute-se tanto na vida social como na vivência cristã, assim como na espiritualidade que este período assume. Tudo isto se enfoca na perspectiva do Natal; no entanto, importa referir que essa dimensão única, espiritualmente falando, vai muito para além do que podemos designar de ‘preparação’, uma vez que o Advento é o tempo das certezas que nascem da fé e se consolidam na esperança, tal como nos faz sentir a História da Salvação que é assumida nesta quadra litúrgica pela vida da Igreja.

Podemos perguntar, com razão, o que é que confere a esta quadra a centralidade que marca o nosso ritmo social, litúrgico e espiritual? A resposta pode ser dada de muitas formas e em diversas tonalidades, com acentos diversos e perspectivas múltiplas. No entanto, seja qual for a resposta, há uma dimensão que sobressai de todas as demais: **a esperança**. É a esperança que dá sentido e motivações àquilo que é singular neste tempo e é da esperança que nos vem esta dimensão messiânica que alimenta a nossa fé e que sempre se renova no mistério da encarnação do Verbo de Deus. Efetivamente, podemos dizer que não há qualquer dissonância entre o significado teológico do Advento e o seu sentido litúrgico, pois é este que nos ajuda a sentir e a viver aquele, partindo da forte interpelação que a Palavra de Deus faz chegar até nós, através da qual se renova a nossa esperança.

Na memória celebrativa que a liturgia faz chegar até nós, memória que perdura nos séculos e que nestas 4 semanas assume uma dimensão verdadeiramente histórica, sentimos que esse dinamismo de esperança passa do

Antigo Testamento para as origens da Igreja e é, de forma muito expressiva, testemunhada pela presença da palavra de Isaías no corpo do Novo Testamento que acolhe os oráculos messiânicos como sendo o melhor testemunho da verdadeira esperança que alimentou a fé e a caminhada secular do povo de Deus. Foi uma caminhada de vida, sempre alicerçada num duplo pilar: a Palavra e a Aliança. Neste tempo litúrgico, nós celebramos a memória do Antigo Testamento (as promessas feitas aos nossos Pais, como sempre nos recorda, quase em jeito de refrão, a Tradição judaica), celebramos a esperança messiânica do Povo de Israel que sempre se abre ao futuro, bem como a Aliança estabelecida entre Deus e o Seu povo, e fazemo-lo de diversas formas, acompanhados por vários personagens, envolvidos nos sinais da presença de Deus e em diferentes etapas da História da salvação. Mas sempre com um denominador comum que importa realçar: as esperanças que a Palavra de Deus fez renascer no coração do Seu povo e alimentaram a sua caminhada nas mais diversas vicissitudes da sua História.

1. Que esperança? O que nos testemunham os textos?

Podemos refletir sobre este tema - da relação entre Esperança e Messianismo - a partir de duas perspetivas, não opostas nem antagónicas, mas complementares. Vislumbramos desta forma a relação entre messianismo e esperança, sentindo que as duas realidades, assumindo nomes e contornos porventura diferentes, são as duas faces da mesma realidade. Importa referir que a 'fonte da esperança' que percorre diversos movimentos e grupos dentro do judaísmo ao tempo de Jesus, presente em muitos escritos canónicos e não-canónicos, essa fonte é sempre a Escritura. Isto sucede tanto no judaísmo palestinense (interno às Comunidades da Palestina) como no judaísmo da diáspora (das Comunidades que vivem fora do espaço da Terra bíblica). Todavia, importa também referir, e importa tê-lo presente, que da Escritura são os Profetas (nos seus oráculos) que mais se destacam no reforço desta mensagem, tal como ela nos é proposta na vivência do advento.

A História da Salvação é uma história feita pela Palavra e a partir da Palavra de Deus. Por isso, essa História é um tempo de salvação e de contínua caminhada de libertação, neste diálogo permanente entre Deus e o Homem. Por isso, a Profecia é um elemento fundamental dessa história e os mediadores dessa Palavra (os Profetas) são também eles os grandes dinamizadores dessa História de Salvação, dando continuidade ao diálogo entre o agir do Homem e a interpelação de Deus. De entre as figuras proféticas que a liturgia do Advento mais coloca em evidência sobressai a do profeta Isaías, o profeta messiânico por excelência. A sua presença na liturgia desta quadra é constante, quer pela sua palavra profética quer pela proximidade que os seus oráculos messiânicos emprestam ao advento do Messias. Na verdade, podemos dizer que ele é o profeta que vem anunciar e preparar os caminhos do Senhor (Is 2,1-5), caminhos estes que nos conduzem ao encontro Cristo.

De Isaías, os seus oráculos proféticos realçam, em diversos textos, as várias dimensões da esperança bíblica; em alguns desses textos, essa esperança tem um rosto muito pessoal. Neste aspeto, destaco o capítulo 7, designadamente 7,10-15, sobre o *Emmanuel*, a que S. Lucas recorre no momento da Anunciação a Maria, fazendo desse texto, na sua versão grega dos LXX, o fundamento central do mistério da Encarnação do Senhor: 'A Virgem conceberá e dará à luz um Filho, chamado **Emmanuel** - Deus conosco'. Numa outra passagem, Isaías, chama ao Messias o '**rebento justo**', já que a justiça é a 'obra dos seus dias'. Para o Profeta, a justiça que será implantada não se configura a um horizonte nacionalista, interno à própria experiência do povo de Israel; ela será antes uma forma de convivência e harmonia entre os povos.

No entanto, no que diz respeito à esperança, e para além das tradições tomadas do Pentateuco (de que destaco Gn 49,10-12 e Nm 24,17), podemos condensar a mensagem do Profeta em várias dimensões. Referimos as que nos parecem mais sólidas e constantes na sua mensagem: Is 9,1-6; 11,1-9; 32,1; 55,3-5, além de outros textos porventura menos densos, como são 10,27; 52,13; 63,1-3, especialmente se tivermos em conta a forma como tais textos eram lidos e

comentados na Sinagoga (os chamados *Targumim*). Os ecos destas passagens vão estar presentes em muitos textos apócrifos e não-canônicos deste período (designadamente em manuscritos de Qumran, *Salmos de Salomão*, *Apócrifos de Esdras* e de *Baruc*). Todos estes textos colocam em evidência uma das constantes da esperança judaica: a chegada de um Messias davídico. No entanto, muitos deles colocam o cenário dessa realização no futuro, como é referido 'no fim dos dias', sem que a sua concretização no plano terrestre e nacional seja definida num tempo concreto. Paulo, na *Carta aos Gálatas* (4,4-5), e também a *Carta aos Hebreus* (1,1-2), segue uma perspetiva paralela, muito próxima.

2. A esperança no tempo:

Por altura do período intertestamentário, os judeus alimentavam uma forte esperança, uma profunda expectativa na chegada de um Messias davídico que deveria dar forma concreta às diversas dimensões mais significativas das suas esperanças: **a libertação política**, vencer as potências (reinos) estrangeiras, **estabelecer em Israel uma ordem social justa** que estivesse conforme às exigências da Torah, **conferir ao estado judaico o vigor** que há muito tinha perdido, **assegurar o reconhecimento universal do Deus único**, **conferir de novo ao Templo a sua centralidade**, de modo que todas as comunidades pudessem em peregrinação acorrer a ele. Encontramos aqui os grandes eixos da esperança messiânica desta época e todos eles só podem ser concretizados mediante a ação de um Messias que seja capaz de congregar e reunir o povo para esse fim, sob a sua autoridade.

Estamos em presença de um núcleo importante, mas com um enfoque nacionalista de tipo social e político. Porém, Isaías e outros profetas vão mais longe e oferecem-nos perspetivas novas e bem diferentes nos seus oráculos. Vejamos: foca-se no universalismo em que todos os povos são chamados para se congregarem na mesma comunhão, numa fraternidade universal (no monte da Casa do Senhor: 2,2-3); a todos será proposta a Lei e a Profecia (a Palavra, a

Dabar); Ele será um juiz que julgará com justiça para dirimir as contendas entre os povos (2,4); será um tempo de paz e de harmonia, superando a guerra e a violência (2,4), transformando as armas de guerra em instrumentos de trabalho e cultivo da terra, respondendo assim às esperanças de desenvolvimento e melhoria de vida.

Num outro oráculo que retoma e complementa este de 2,1-5, o Profeta vai mais longe, colocando todas as esperanças que o povo de Israel alimentava como a grande tarefa que o Messias levará a cabo: 11,1-9. Trata-se de uma espécie de texto programático em que se enumeram os dons (as virtudes) do Messias, tudo quanto lhe permitirá que exerça uma verdadeira missão universal, mas, agora, o Profeta propõe um novo programa para essa missão do Messias: estabelecer a harmonia universal das criaturas, o que o leva a propor e a cantar a fraternidade entre todos os seres vivos, não apenas dos homens entre si, mas destes com as demais criaturas, na busca de uma harmonia e de uma complementaridade que traduza a plenitude da bondade da criação (... e Deus viu que tudo era bom – Gn 1,18.21.25.31). De facto, em Is 11,2-9, temos um hino à paz messiânica que nasce da fé e da justiça e será a obra, por excelência, do Messias. Como fundamenta o Profeta esta missão? Qual é a base concreta em que a mesma assenta? Antes de mais, esta missão tem como fundamento o Deus único, o Deus que é criador de todas as coisas e é do seu ato criador que deve nascer essa harmonia entre elas, uma harmonia que não é construída em função de convergências de objetivos, mas sim da essência das suas origens, da sua génese. Todas brotam da mesma fonte de vida e é para essa mesma fonte que todas convergem.

Por isso, e também neste aspeto, a voz do profeta Isaías é para nós um desafio, um apelo a dizer que não é possível criar uma fraternidade universal, desejada e sonhada para os tempos messiânicos, se ela não se fundamentar na Palavra de Deus e não tiver como suporte este clima de confiança e de esperança que nos orientam para o verdadeiro Messias que é Cristo. A paz e a harmonia universal não podem ser apenas alicerçadas em medidas humanas, mas fundamentadas no absoluto de Deus. Só assim deixaram de ser luta de interesses

peçoais e políticos para se converterem num serviço prestado à humanidade, tornando-se no verdadeiro eco das suas esperanças.

3. As esperanças judaicas e os grupos (movimentos) religiosos:

Importa referir, neste contexto, que é difícil poder dizer-se que em Israel há grupos religiosos, exclusivamente dedicados ou motivados pelas questões religiosas. Os movimentos que fervilham dentro do mundo judaico carregam consigo múltiplas componentes que incorporam em si elementos sociais, religiosos, políticos, étnicos, etc. Cada um deles configura à sua maneira o seu Messias e as respetivas esperanças que definem a sua identidade.

Como mediador da salvação – e o Messias é, no judaísmo, um mediador da salvação e não é ele a salvação em si mesmo – ele acaba por não ser o ELO central das esperanças judaicas. Estas (as esperanças messiânicas), passam, essencialmente pelo **‘Reino de Deus’** e pela **‘adesão à Torah’** (Lei). Ora, aqui entram as ‘esperanças’ que são próprias dos grupos e dos movimentos judaicos, muito diversas entre si e relativas aos projetos sociais, políticos e religiosos desses mesmos grupos. Falar de ‘esperança’, é por vezes uma falácia, já que no período intertestamentário essa esperança está subjugada aos objetivos desses grupos, tanto daqueles que são considerados ortodoxos como dos que gravitam mais à margem dessa ortodoxia ou que assumem mesmo perspetivas heterodoxas. A pluralidade dos movimentos judaicos ao tempo de Jesus é uma riqueza; no entanto, é também um esvaziamento da centralidade da esperança enquanto tal.

Entre os movimentos que mais se destacam, temos os Saduceus e os Fariseus. Eda parte destes, não podemos dizer que exista uma ‘esperança’ única, já que os ideais de uns e outros não se conjugam nem se orientam por valores idênticos. Enquanto os Saduceus se pautam por aspirações de cariz social e político, as suas esperanças condensam-se na pessoa do Messias davídico que há de restaurar o reino de Israel, e impor a estrutura e os códigos da ética sacerdotal a todo o povo. A sua esperança radica na Escritura, mormente naqueles livros que

têm força jurídica e normativa, dos quais se excluem os *Profetas* e os *Salmos*, considerados mais como textos de comentário do que livros inspirados. Por sua vez, para os Fariseus, as suas esperanças passam pela imposição do ritualismo da Lei, assumida como princípio absoluto, de que eles mesmos eram os intérpretes habilitados e devidamente autorizados (os doutores da Lei), levando à exclusão dos ímpios (um conceito que tem como referência a prática da *halakah* farisaica e não dos princípios da justiça e da misericórdia). Estamos perante uma prática de ‘casta ou seita’ que assenta num virtuosismo de exterioridade, sem referência a qualquer dimensão pessoal (... ‘este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim’: Is 29,13; Mc 7,6).

Outros movimentos que gravitam mais no âmbito de uma certa heterodoxia, concentram as suas esperanças em propostas mais extremistas e que terão como seus mediadores figuras mais revolucionárias ou menos conformes àqueles dois princípios que atrás referimos (o ‘reino de Deus’ e o ‘apego à Torah’). Situam-se aqui, por exemplo, os Essénios, especialmente o seu elo mais ‘sectário’ que conhecemos de Qumran, empenhados em transformar as instituições judaicas através de uma espécie de ‘revolução interior’, fortemente marcada pelo combate escatológico contra todos os que não seguem os seus ‘protocolos’ (como hoje diríamos). A par destes, temos também vários grupos e movimentos partidários da apocalíptica, aguardando a irrupção do Reino que será implantado e imposto por Yahwé, competindo a estes grupos apressar o seu acontecer, mediante a sua ascese e a sua colaboração para excluir todos quantos não seguem as suas normativas. Estamos perante grupos, uns mais numerosos e outros menos, mas todos possuídos deste ardor escatológico, já que a sua esperança está posta nesta intervenção ‘terrível’ que é designada como o ‘Dia de Yahwé’ (*Yom Adonai*). Para muitos destes grupos, serve de inspiração o *Livro de Daniel* e a figura do ‘Filho do Homem’ que irrompe a partir do céu, como uma força divina que impulsiona uma nova etapa da história.

Deixamos para último, não por que seja o menos importante ou insignificante, mas antes porque é aquele que causou e provocou o que podemos designar como

sendo o fim do judaísmo, tal como era vivido ao tempo de Jesus, assim como o desmoronamento das respectivas Instituições (Templo, Sacerdócio, Sinédrio, ou seja, as instituições identitárias e de poder) e que conhecemos como o movimento revolucionário dos Zelotas, partidários da guerra violenta e da 'limpeza' étnica e moral. A sua esperança já não comunga em nada daquela que está no âmago da tradição judaica, apesar do uso e do recurso a expressões semelhantes. A esperança do movimento zelota e dos partidários da revolução violenta não se configura com a implantação do 'Reino de Deus' nem se limita ao 'apego à Lei'. Os seus pressupostos e objetivos são radicalmente diferentes. Embora sejam apresentados a coberto das tradições ligadas à Lei (*Torah*) ou sustentadas nas tradições proféticas, tais esperanças são diametralmente opostas a essa herança, pois não visam nem a conversão ao judaísmo nem à prática da Lei, e menos ainda a harmonia universal de que falam os profetas (Isaías), a prática da justiça e da misericórdia. O teor nacionalista exacerbado, assumindo um radicalismo extremo, nada tem de 'esperança' bíblica e acabará por conduzir o país e o povo de Israel para a sua destruição quase total. Não podemos dizer que tenham provocado o fim da esperança messiânica, mas podemos afirmar que conduziram a fé dos seus antepassados e a identidade do povo para um ponto quase sem retorno.

4. A voz de Isaías – O profeta da esperança do Advento:

Os Profetas são, na História da Salvação, os mediadores da Palavra e, ao mesmo tempo, os grandes dinamizadores dessa História de Salvação, dando continuidade ao diálogo entre a interpelação de Deus e o agir do homem. É neste diálogo que sobressai Isaías, o profeta messiânico por excelência. A sua presença na liturgia desta quadra é constante, não só pela sua palavra profética e pela proximidade que os seus oráculos messiânicos emprestam ao advento do Messias, mas, fundamentalmente, pela consistência que os seus oráculos nos oferecem em tudo o que diz respeito à ESPERANÇA do povo de Deus. Isaías como que assume

e personifica todos aqueles dinamismos que significam a relação de comunhão e de aliança que fundamentam a fé de Israel.

Na verdade, podemos dizer que ele é o profeta que vem anunciar e preparar os caminhos do Senhor (Is 2,1-5), caminhos estes que nos conduzem ao encontro Cristo e que os Evangelhos (Mateus e Lucas) releem na pessoa de João Batista.

De Isaías, esta quadra litúrgica realça um amplo conjunto de oráculos, focando todos eles os núcleos essenciais da esperança bíblica, mesmo que esta esteja moldada em função dos diversos períodos históricos que acompanham a atividade deste profeta. É destacada a missão do messias em implementar a justiça, pois esta é a 'obra dos seus dias', o que confere sentido à sua designação como 'rebento justo'. A justiça é a forma de Deus estar conosco e se fazer próximo de nós. Num tempo conturbado como foi o seu e como é o de hoje, Isaías é o homem da firmeza e da esperança; ele é o Profeta que anuncia e canta a fraternidade entre todas as criaturas, não apenas dos homens entre si, mas destes com as demais criaturas, na busca da harmonia e da complementaridade universal. De entre muitos, destaco o texto de 11,2-9, em que a paz messiânica é o fruto da fé e da justiça e será a obra, por excelência, do Messias.

Todas estas atitudes e palavras de Isaías são já elas mesmas um apelo e um eco da Encarnação do Senhor, são ecos e sinais da Humanidade nova que Jesus vem inaugurar entre os Homens e que nós somos chamados a viver e a construir com Deus, tornando-nos homens novos, criadores da História e construtores de comunhão.

Em jeito de conclusão:

O tema que tratamos é facilmente convertível, podendo analisá-lo em diversas perspetivas; podemos tomá-lo a partir da realidade vivencial de um povo, do seu quadro político e religioso, e também cultural. A questão das esperanças bíblicas pode decorrer daquilo que consideramos as circunstâncias históricas do povo de Israel, mas também dos seus ideais de vivência religiosa e das motivações que o seu 'Credo' suscita como formas de resposta e de relação, quer no contexto interno dos grupos e movimentos – e neste sentido a Escritura é uma fonte de

surpresas e de motivações – mas também no contexto das relações deste povo com os seus vizinhos e com outros povos que vão marcar essa mesma vivência, designadamente os grandes impérios que ocuparam e impuseram a seu domínio sobre os grupos ou os pequenos reinos da região, como acontece no que diz respeito ao reino de Judá. Isso conheceu muitas variações ao longo dos séculos. Como já referi e os textos litúrgicos desta quadra de Advento trazem até nós, a época de Isaías é uma amostra, muito clara e bem elucidativa, do que foi um tempo marcado por uma forte esperança que o profeta encarna nos seus oráculos.

Há um elemento importante, porventura nem sempre tido em conta, que tem a ver com o discernimento profético. Os Profetas, uns mais que outros, conjugaram em si esta capacidade de ler os sinais dos tempos e fortalecer as esperanças, os anseios e as aspirações do povo de Deus. E fizeram-no num quadro de referências religiosas, conjugando tais aspirações com as promessas da Aliança e mostrando como Yahwé é a fonte desses anseios. Podemos dizer que em Israel, mesmo no que diz respeito as motivações de carácter social e político, não há uma esperança laica, a-religiosa ou desvinculada do quadro da Aliança. É, na Aliança e pela Aliança, que o profetismo enquadra e faz despoletar as esperanças do povo de Deus. Sem este enquadramento, as esperanças bíblicas perdem o seu significado e a fé bíblica o seu dinamismo transformador. Mais do que olhar ou apontar para o termo – o que se espera ou que tipo de esperança se manifesta aqui ou ali – o importante é compreender e enquadrar como estas esperanças que a Profecia alimentou e fortaleceu foram o verdadeiro coração, o autêntico motor da fé bíblica. E é a partir daí que, depois, os autores do NT e as comunidades cristãs leram e situaram a sua concretização em Jesus, dando a essas esperanças uma nova dimensão que perpassa todo o contexto da encarnação da Palavra (da *Dabar*, do *Lógos*, do *Verbo*) na história humana. É por isso que o ‘Mistério da Encarnação’, sendo importante no que concerne à identidade da fé do NT e constituindo o seu centro, é também importante e central no que diz respeito à forma como se traduz no tempo a nossa identidade e experiência de vida.

O Messianismo Bíblico - que Esperança?

Conferência de **João Lourenço**

realizada no âmbito do **Encontro de Advento**

promovido pela **Fundação Betânia**

em **07 de dezembro de 2019**

no **Centro Cultural Franciscano. Lisboa**